A Centelha

JORNAL DA ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA

Donativo Livre

N.º 29 · VERÃO · 2022

ABAIXO A GUERRA IMPERIALISTA

Se queres PAZ, luta pelo SOCIALISMO

NATO e tropas de Putin fora da Ucrânia!

O NOVO GOVERNO PS

aplica um programa de empobrecimento dos trabalhadores e unidade com o imperialismo dos EUA

O executivo de Costa mostra mais explicitamente a cada dia a sua obediência canina à NATO e à Casa Branca, reproduzindo zelosamente a propaganda de guerra que é despejada pela máquina de guerra do imperialismo ocidental, enquanto permite que as condições de vida dos trabalhadores e jovens se degradem para benefício dos grandes capitalistas.

A política externa é a continuação da "unidade nacional" com a burguesia

Como não podia deixar de ser, a política externa do governo PS é a continuação da sua política interna. E esta última é caraterizada fundamentalmente por uma zelosa defesa dos lucros do grande capital e pelo rompimento de todas as promessas à classe trabalhadora e à juventude.

O tão badalado fim da austeridade está a revelar-se exatamente o seu contrário. A "geringonça" foi possível devido à força e radicalização dos trabalhadores e da juventude, que se refletiu nas urnas em 2015 e deu uma maioria à esquerda. Com esta maioria, o PS prometeu reverter as contra-reformas do governo PSD-CDS, e anunciou o fim da austeridade e um "tempo novo".

Depois de mais de 6 anos de governação, as contra-reformas da direita estão intactas na lei laboral, a crise da habitação alcançou uma dimensão que só fica atrás da que existiu até 1974 — o número de despejos aumenta em Lisboa e no Porto — e a saúde, educação, transportes e restantes serviços públicos estão mais degradados do que em 2015.

A isto junta-se a repressão e até a proibição de greves através de "requisições civis" para asfixiar as lutas mais duras dos últimos anos — Autoeuropa, estivadores, motoristas de matérias perigosas, enfermeiros. A mesma repressão fez-se sentir com punho de ferro sobre a juventude, com a brutalidade policial racista a passar impune mesmo nos casos mais escandalosos e mediatizados.

Em todos os momentos chave, o governo de Costa alinhou com o patronato e a direita, salvando a banca, priorizando os lucros do grande capital e a saúde privada até mesmo durante uma pandemia que, devido às políticas capitalistas, foi capaz de causar mais de 22.000 mortes.

As medidas que serviram de bandeira do PS — aumento do salário mínimo nacional (SMN), passe social em Lisboa, manuais escolares gratuitos — foram cuidadosamente pensadas para não tocar nos lucros do grande capital. O aumento do SMN, de longe a mais usada para lançar areia aos olhos dos trabalhadores, foi totalmente incapaz de sequer manter o nível de vida da classe trabalhadora. Como explicámos em diversas ocasiões, o aumento paulatino do SMN ao longo dos governos de Costa não foi um aumento do salário real. Os €705 euros do SMN dão-nos hoje um nível de vida inferior aos €505 de 2015.

O facto incontornável é que as condições de vida dos trabalhadores e da juventude pioraram durante a "geringonça", contra todos os discursos e promessas do PS.

Segundo dados do INE, o número de pobres, em 2020, era já de mais 1.893.000, tendo aumentado 13,9% em relação ao ano anterior. De 2020 a 2021, a taxa de risco de pobreza ou exclusão social aumentou de 20% para 22,4%, o que significa que 2.303.392 pessoas (quase 1 em cada 4) estão em risco de pobreza. A "taxa de privação material e social severa", por seu turno, subiu de 5,4% para 6%, ou seja, 616.980 pessoas não têm acesso a bens considerados essenciais pelo INE. E esta era a realidade *antes* da invasão da Ucrânia.

A resposta do PS à catástrofe social: "unidade nacional" e propaganda atlantista

Com a guerra na Ucrânia, a crise capitalista deu um salto qualitativo e colocou em questão os planos de Costa, que esperava aplicar tranquilamente a sua proposta de OE2022 e desfrutar de um período de relativa estabilidade.

De facto, o FMI revia, a 19 de abril, as suas previsões de crescimento para Portugal, reduzindo-as de 5,1% para 4% apenas para depois voltar a aumentá-la para 4,5% a 16 de maio, e isto alimenta algum otimismo no executivo do PS. Mas estes números, além de partirem de uma base baixíssima após uma queda de 8,4% em 2020 — segundo o INE e o próprio Banco de Portugal —, são projeções feitas num contexto que as próprias instituições admitem ser de grande imprevisibilidade. Mais determinantemente ainda, as políticas de Costa garantem que qualquer crescimento do PIB da economia portuguesa não se refletirá nas condições de vida da classe trabalhadora e da juventude mas será, pelo contrário, açambarcado pelo grande capital, exatamente como as "ajudas" às "famílias" que vimos durante a pandemia.

As condições de vida estão a degradar-se a uma velocidade impressionante com a escalada dos preços. Novamente de acordo com o INE, no final de maio a inflação chegou aos 8% e houve aumentos muito mais altos nos preços da energia e de vários produtos de primeira necessidade. No final de maio, a taxa de inflação homóloga dos combustíveis era 27,2% e a dos alimentos 11,7%. O impacto nas famílias trabalhadoras é dramático.

Perante isto, o governo reforça ainda mais a sua política de "unidade nacional" para enfrentar um cenário extremamente negativo, na esperança de que ele se altere em breve. A partir da sua confortável posição parlamentar de maioria absoluta, Costa cerra os dentes, mantém o orçamento do Estado para 2022 (OE2022) inalterado e avança com a política anunciada pelo PS desde o primeiro dia de discussão: "nunca pôr em causa o princípio do equilíbrio orçamental" e das "contas certas", ou seja, jamais tocar nos lucros obscenos das maiores empresas e respeitar religiosamente os ditames da UE para reduzir o défice orçamental. E a isto junta-se ainda um aumento do orçamento militar feito às ordens da NATO.

Entretanto, em concertação social, o patronato rejeita liminarmente até mesmo as propostas simbólicas e as migalhas que o PS e as burocracias da CGTP e UGT propõem, sem encontrar da parte destes últimos qualquer resistência além de queixumes completamente inúteis.

Mas a catástrofe social que se vive indubitavelmente provoca um profundo descontentamento, raiva e mal-estar que, tarde ou cedo, terão de explodir. Este cenário é o que o governo, a patronal e as burocracias sindicais temem. Para o evitar, até agora, tudo o que o governo utiliza é propaganda. Enquanto declaram, contra todas as evidências, que o OE2022 "virou a página da crise", Costa e o seu executivo justificam o profundo sofrimento da classe trabalhadora com a guerra. A propaganda de guerra enche toda a comunicação social burguesa: é preciso "garantir a soberania nacional", "salvar a Europa", "fortalecer a NATO", etc. Naquele que foi o ponto alto desta farsa desde o discurso de Zelensky no parlamento português, Costa visitou Kiev e passeou-se pela cidade com um colete à prova de balas diante de dezenas de jornalistas, dizendo que "aqui já não estamos a falar de uma guerra normal, mas de actos verdadeiramente criminosos". Uma hipocrisia sem limites.

Os crimes cometidos às ordens de Putin não são diferentes dos cometidos pela NATO no Afeganistão, no Iraque ou em qualquer outro dos países que a aliança atlantista arrasou. Mas recusando-se a tocar nos lucros multimilionários do grande capital, os social-democratas não têm outra alternativa senão responder à crise social com o ruído da propaganda de guerra e tentar, com isso, ganhar algum tempo.

A política do PS prepara o terreno para a demagogia do PSD e do Chega

O crescimento da extrema-direita nos últimos anos foi galopante. Esta é mais uma das consequências da política de unidade nacional e conciliação de classes da "geringonça" e do agora governo de maioria absoluta do PS, assim como da estratégia de desmobilização seguida pelas burocracias sindicais da CGTP e UGT. As mentiras destas direções e a sua recusa a tomar quaisquer medidas realmente de esquerda gera uma desmoralização e um ceticismo que se espalham por vastas camadas da classe trabalhadora. A direita percebe isto e atua de maneira inteligente e consequente.

Com as suas últimas eleições diretas, a 28 de maio, o PSD livrou-se de Rui Rio e da sua política de tentativas de aliança com o PS. Destas eleições saiu um dirigente com um plano claro. Luís Montenegro, apresentando sem qualquer pudor um programa de aliança com o Chega, de oposição feroz e frontal ao PS, foi eleito com 72,48% dos votos, esmagando Jorge Moreira, que ficou com 27,52%. Foi a maior diferença entre dois candidatos em toda a história do PSD.

Evidentemente, os sectores decisivos do grande capital estão muito satisfeitos com a governação de Costa e veriam com muito bons olhos o entendimento entre o PS e o PSD que Rio apontava como estratégia e que Moreira também procurou representar. Mas o programa de Montenegro responde a condições objetivas. A viragem à extrema-direita da base eleitoral do PSD e, como fica demonstrado, igualmente da sua base militante é um fenómeno político de fundo. O CDS-PP foi incapaz de refletir esta viragem e sofreu pesadas consequências, desaparecendo por completo do hemiciclo da Assembleia da República. Uma parte importante das camadas médias já foi de facto ganha pelo Chega, e agora fica claro que a maioria daqueles que se mantêm fiéis ao PSD consideram que a política mais eficaz para derrotar o PS é a de linha dura contra a esquerda.

O cretinismo parlamentar do BE e do PCP

Longe de "puxar o PS para a esquerda" ou de conquistar melhorias para as condições de vida dos trabalhadores e da juventude, o que o BE e o PCP conseguiram ao longo de todos estes anos de hábeis manobras, negociações e análise da "correlação de forças" foi fundir-se com a social-democrata tradicional, cedendo em todas as frentes.

O alinhamento com o imperialismo dos EUA e com a NATO por parte do PS têm respostas vergonhosas das direções do BE e do PCP.

O BE acusa o governo de não ir suficientemente longe e pede sanções melhores à Rússia, não se opõe de nenhuma forma efetiva ao envio de armas nem de tropas portuguesas para leste, aplaude Zelensky no parlamento, vota na Câmara Municipal de Lisboa a favor de financiar com 320.000 euros uma associação ucraniana em Portugal com ligações à extrema-direita… em suma, alinha com o imperialismo dos EUA e a NATO tal como a social-democracia, apesar de tentar mascarar este apoio com algumas declarações inócuas.

O PCP, por seu turno, denuncia a NATO e Zelensky sem jamais apontar as verdadeiras causas desta guerra imperialista, fazendo uma autêntica apologia da invasão russa como reação inevitável de "defesa" e acaba a juntar-se ao coro social-democrata ao apresentar como solução a diplomacia, apelando às instituições capitalistas internacionais como a ONU.

Para ambas estas direções da esquerda, continua a não haver razões para organizar a luta nas ruas. Mesmo nas circunstâncias atuais, terminada a "geringonça" de forma inequívoca, mantêm a política de conciliação de classes pela qual pagaram tão caro nas últimas eleições e pela qual só poderão pagar ainda mais caso decidam insistir no erro.

E o declínio destas formações de esquerda só pode abrir fraturas no seio das suas direções, além de causar a indignação de cada vez mais militantes.

Aquilo que se prepara, desta maneira, é um governo da direita em coligação com a extrema-direita, que se preparam para capitalizar o inevitável desgaste do PS se a catástrofe social se aprofundar.

Os últimos anos, com todo o período da "geringonça", têm importantes lições para a classe trabalhadora e para a juventude. Entre elas, a principal é que para conquistar direitos, para conseguir que realmente se aplique uma política de esquerda e em benefício da grande maioria da população, para acabar com esta situação de empobrecimento massivo e degradação dos serviços sociais, a única via é a da organização e da mobilização à altura dos desafios que o sistema capitalista nos coloca.

ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA
Junta-te à **ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA** e constrói connosco as forças do marxismo internacional!
www.esquerdarevolucionaria.net • geral@esquerdarevolucionaria.net
@esquerdarevolucionaria.centelha @esqrevpt @EsqRevPT

A GUERRA NA UCRÂNIA, a recessão económica e a fome no mundo

O cinismo dos imperialistas não conhece limites!

Víctor Taibo
Comissão Executiva da *Izquierda Revolucionaria* • Estado espanhol

A guerra na Ucrânia tornou evidentes as profundas contradições que abalam o capitalismo global, abrindo uma crise política, económica e social sem precedentes desde os anos 1930. Uma crise que os governos capitalistas de todo o mundo colocarão sobre os ombros dos trabalhadores e dos oprimidos, e que terá enormes consequências na luta de classes mundial.

Como analisamos em declarações anteriores, a batalha encarniçada que está a desenrolar-se na Ucrânia é muito mais do que a invasão militar russa de finais de fevereiro. Na realidade, é algo que está a formar-se desde 2014 e que deu um salto qualitativo até resultar num enfrentamento militar entre o regime reacionário de Putin e o imperialismo estado-unidense e europeu através do governo títere de Zelensky.

Encarando isto como uma última oportunidade de restabelecer a sua posição hegemónica, Biden e a burguesia dos EUA estão a colocar a UE de joelhos e a forçar-lhe a sua agenda militarista. Pretendem atolar a Rússia numa guerra de desgaste que sirva para travar a ascensão da China. Mas esta estratégia, que se serve do povo ucraniano como carne para canhão sem enviar um único soldado ocidental para o teatro de operações, pode transformar-se no seu oposto: a Ucrânia será devastada e a economia mundial sofrerá uma nova descida aos infernos.

Isto foi reconhecido pelo Secretário-Geral da NATO, Jens Stoltenberg, no recente Fórum de Davos, quando disse que "isto é sobre a Rússia, mas também sobre a China", e afirmou cinicamente que "a liberdade é mais importante que o comércio livre" e que "proteger os nossos valores é mais importante do que proteger os lucros". Stoltenberg diz isto diante dos altos executivos e magnatas dos principais bancos ocidentais e monopólios capitalistas que estão a lucrar com a guerra!

Há 30 anos, após a queda da URSS, o imperialismo estado-unidense, com o aplauso dos seus aliados europeus, vangloriava-se do triunfo do mercado livre e da derrota do "comunismo", para de seguida intervir militarmente onde quer que os seus interesses geoestratégicos e comerciais o exigissem. Uma postura que lhe levou a ampliar a NATO até ao leste da Europa, absorvendo a maioria dos antigos países que integravam o Pacto de Varsóvia. Mas esta atuação de gendarme mundial, levada a cabo com impunidade, viu uma transformação dramática desde a Grande Recessão de 2008, quando a correlação de forças sofreu uma profunda alteração que se materializou na ascensão da China como superpotência. O poderoso músculo económico do capitalismo de Estado chinês traduziu-se numa agressiva política imperialista que disputa cada palmo do planeta com o gigante estado-unidense.

Lenin apontava o cerne desta questão no seu texto clássico sobre o imperialismo: "O capital financeiro e os *trusts* não atenuam, antes acentuam, a diferença entre o ritmo de crescimento dos diferentes elementos da economia mundial. E se a correlação de forças mudou, como podem resolver-se as contradições, sob o capitalismo, a não ser pela força? (...) no terreno do capitalismo, que outro meio poderia haver, a não ser a guerra, para eliminar a desproporção existente entre o desenvolvimento das forças produtivas e a acumulação de capital, por um lado, e, por outro lado, a partilha das colónias e das esferas de influência do capital financeiro?"

A guerra leva a uma recessão económica severa

A guerra está a acelerar a recessão que já cozia em lume brando. Uma recessão que não é somente consequência da guerra, senão dos graves desequilíbrios acumulados ao longo de mais de uma década, e que instalaram durante os últimos anos de pandemia.

A mencionada reunião de Davos mostrou o profundo pessimismo com que os representantes do grande capital internacional encaram o futuro. Apesar da propaganda, o imperialismo estado-unidense e a União Europeia estão a mostrar a sua crescente debilidade.

O fracasso das sanções contra a Rússia é o melhor exemplo disto. Apenas 40 de 190 países as aplicaram. A própria UE encontra muitos limites para levar a cabo as sanções perante a recusa aberta da Hungria e as reservas de outros países-membro em cortar completamente com o fornecimento de gás e petróleo russos. O embargo ao petróleo acordado no final de maio exclui aquele que é fornecido através dos oleodutos — um terço do total —, afetando apenas as importações por navio. Mas a proibição destes embarques, como se vê com as sanções dos EUA e da Grã-Bretanha, não impediu que o petróleo de Putin acabasse nos seus portos recorrendo aos "métodos criativos" da economia de mercado.

O firme apoio que a Rússia recebe da China — que, por sua vez, beneficia do fornecimento barato de energia e matérias-primas de Moscovo e conseguiu um excelente balanço económico no primeiro trimestre deste ano —, não é único. A procura de petróleo barato por muitos outros paíeses, como é o caso da Índia, tornam a política ocidental ainda mais impotente: a escalada dos preços do petróleo, que foi incrementada com as sanções, permite à Rússia compensar a queda da sua produção até um terço, especialmente enquanto mantiver a sua aliança com a OPEP, que continua a resistir às exigências dos EUA para incrementar substancialmente a produção global de crude.

As previsões da própria Comissão Europeia são de que um corte total do gás russo afundaria o PIB da Zona Euro e faria disparar a inflação, que já atingiu um recorde de 8,1%, mostrando as sérias limitações com que se depara a estratégia da UE. Segundo a Associação Alemã de Indústrias de Energia e Água, apenas 12,5% do gás natural russo poderia ser substituído a curto prazo na indústria metalúrgica alemã, 7,9% na indústria geral e apenas 4% na química. Por outro lado, a compra a outros fornecedores, como os EUA, implica um aumento de preços entre 30 a 40% em relação ao gás russo, colocando a indústria europeia, e sobretudo a alemã, perante a possibilidade de uma brutal perda de competitividade no mercado mundial, tanto em relação às mercadorias chinesas como às estado-unidenses.

A dinâmica da guerra e as suas consequências estão a provocar fortes divisões entre os governos europeus, com Scholz e Macron a fazer apelos para que não se humilhe a Rússia e inclusivamente defendendo que a Ucrânia terá de fazer cedências territoriais. A própria classe dominante dos EUA começa a perder a sua unidade, como pudemos ver recentemente no editorial do *The New York Times* que advertia para a necessidade de encontrar uma solução para o conflito, ou ainda nas recentes declarações do ex-secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, que disse em Davos que a Ucrânia deve ceder o Donbass.

O que está claro é que mesmo sendo possível chegar a algum tipo de trégua na Ucrânia, o enfrentamento entre as potências imperialistas continuará, levando a novos conflitos militares. Sob o capitalismo na sua fase de declínio imperialista é impossível um desenvolvimento harmonioso, pacífico e progressista.

Especulação e fome no mundo, a hipocrisia dos capitalistas

A guerra, como antes dela a pandemia, está a aumentar os lucros capitalistas em todo o mundo. Até março, bateram recordes, subindo 11% em relação a 2021. Além disso, a escalada da inflação, que empobrece milhões de famílias trabalhadoras, gera lucros caídos do céu para os grandes monopólios da energia, da alimentação e também para a banca.

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, assim como os vários governos capitalistas ocidentais que fazem denúncias do regime de Putin como o único responsável da fome no mundo, têm um cinismo que não conhece limites. O certo é que em 2020 a fome atingia já 811 milhões de pessoas, mais 20% do que em 2019. Se a preocupação com a fome é de facto real, então os porta-vozes da UE e dos EUA deviam dirigir-se aos grandes fundos de investimento que fazem uma fortuna a especular nas bolsas de matérias-primas de Chicago, Minneapolis ou Paris. É aí que se faz a fome!

Mas a situação é ainda mais revoltante quando se conhece os dados. Segundo a FAO, a campanha cerealífera 2021/22 foi um máximo histórico: 2.800 milhões de toneladas. Somado ao stock existente, isto chegaria aos 3.626,8 milhões de toneladas, sobrando após o consumo um excedente de 835 milhões de toneladas. Segundo esta mesma organização, a Ucrânia e a Rússia produziriam, entre março e junho, 32,5 milhões de toneladas de trigo e milho, "6,7% do volume do comércio mundial, 3,89% das reservas previstas no final da campanha e 2,46% do conjunto de ambas as magnitudes", ou seja, uma pequena percentagem da produção mundia.

Um relatório do *IPES Food* explica com clareza o que está a acontecer: "Embora a guerra na Ucrânia tenha criado importantes interrupções no fornecimento e a situação continue a deteriorar-se, atualmente não há escassez global de alimentos (…). O verdadeiro problema é que a maioria das reservas de cereais do mundo estão nas mãos das grandes corporações, e estas têm pouco interesse em divulgar as suas reservas ou em libertá-las enquanto os preços continuarem a subir."

É esta a razão pela qual a 7 de março, logo no início da guerra, a JP Morgan publicou um relatório incentivando o investimento em fundos de investimento ligados ao setor agrícola. Só na primeira semana de março, os investimentos atingiram 4.500 milhões de dólares, com os dois principais fundos de investimento agrícola a captar 1.200 milhões, frente aos apenas 197 milhões de todo o ano de 2021. O problema aqui não é a guerra na Ucrânia em si mesma, é antes o controlo da economia pelos grandes monopólios e as suas apostas especulativas nos mercados futuros para forrar os bolsos.

Abaixo a guerra imperialista! Nem Putin, nem NATO, nem Zelensky!

A invasão das tropas de Putin e o armamento fornecido pela NATO estão a destruir a Ucrânia. É uma guerra reacionária e imperialista de ambos os lados, na qual o governo de Zelensky não luta pela libertação nacional, pelo contrário, atua como um simples funcionário do imperialismo estado-unidense. Tanto o aparelho de Estado e a administração de Kiev, como o exército e a economia ucraniana são hoje sustentados graças a uma tremenda mobilização de recursos militares e financeiros dos EUA, da NATO e da UE.

Esta avalanche de recursos também explica o suposto milagre militar ucraniano. Desde o início da invasão, a 24 de fevereiro, esta ajuda multiplicou-se até atingir uma escala sem precedentes: 42.000 milhões de euros dos EUA, 15.000 milhões pela UE e 7.000 de outros aliados do imperialismo estado-unidense (Grã-Bretanha, Canadá, Japão, Austrália…). No total, já foram mais de 65.000 milhões de euros — 41% do PIB ucraniano de 2021! Mas este apoio não começou agora. O Pentágono e a NATO intervêm abertamente na Ucrânia desde 2014, financiando o seu exército e treinando mais de 80.000 soldados em 8 anos. Na prática, já existiam bases militares da NATO em território ucraniano, e foi nelas que se deu todo este treino.

O relato ocidental de como chegámos a este ponto omite conscientemente o papel crucial do imperialismo estado-unidense na escalada belicista. No início de 2021, o governo ucraniano projetou uma nova doutrina de Segurança Nacional, acordando a sua incorporação à NATO e a participação nos exercícios militares da Aliança. Em agosto do mesmo ano, os EUA e a NATO formaram a "Plataforma da Crimeia" com o objetivo de ajudar a recuperar a península, classificando-a como uma base militar russa que ameaçava a segurança da NATO. Ao longo de todo este tempo, o governo de Zelensky aumentou o contingente militar na frente do Donbass com entre 120.000 a 150.000 soldados. No início de 2022, Zelensky aprovou uma lei para permitir que as tropas da NATO realizassem exercícios militares em solo ucraniano.

A tudo isto deve ainda acrescentar-se a natureza profundamente reacionária dos sucessivos governos ucranianos, incluindo o de Zelensky, que aplicaram duros cortes, privatizações em massa e uma dura legislação anti-trabalhadores e anti-sindical. Um governo dominado por elementos neonazis e de extrema-direita como a deputada Galina Tretyakova — do partido do próprio Zelenski —, que defendeu a necessidade de esterilizar os desempregados uma vez que estes "dão filhos de má qualidade"! Um exército com a coluna vertebral, a oficialidade e as tropas de choque constituídas por fascistas e supremacistas brancos como o Batalhão Azov.

Nada disto nega o caráter imperialista e reacionário da invasão de Putin, a sua estratégia de anexações territoriais para aumentar os lucros dos grandes capitalistas e monopólios russos — que serão os que realmente tirarão proveito do controlo militar e económico do Donbass — e o renascimento do chauvinismo grão-russo que sempre oprimiu a Ucrânia, negando o seu direito à independência nacional. Não é nenhum "detalhe" que Putin tenha acusado Lenin e os bolcheviques de ser os responsáveis pela autodeterminação da Ucrânia.

O anticomunismo e o nacionalismo totalitário são marcas do regime capitalista e bonapartista de Putin, que explora sem cerimónia a sua classe trabalhadora enquanto 1% da população monopoliza 48% da riqueza do país e reprime qualquer dissidência, os sindicatos e a esquerda combativa, o movimento LGTBI e todos os movimentos sociais. Um regime com laços estreitos com a extrema-direita europeia e que conta com unidades ultra-reaccionárias como o grupo Wagner, com os quais planeia intervenções militares em muitas partes do planeta.

A guerra e as suas consequências estão a ser terríveis para a classe trabalhadora ucraniana, russa e do resto do mundo. Também o foram em 1914, quando um reduzido grupo de revolucionários clamou contra a capitulação da Segunda Internacional e dos partidos socialistas perante as suas burguesias nacionais, contra o socialpatriotismo e o apoio ao massacre. Contudo, estes revolucionários — Lenin, Trotsky, Liebknecht, Rosa Luxemburgo… — não se renderam. Sabiam que a guerra trazia consigo as sementes da revolução e que, mais cedo ou mais tarde, a classe trabalhadora e os oprimidos se levantariam contra a barbárie imperialista.

Hoje, como ontem, os dirigentes da social-democracia tradicional e também da nova esquerda reformista, ao invés de fazer frente aos seus respetivos governos, denunciando o caráter imperialista desta guerra, o aumento dos orçamentos militares e a escalada militarista, o que fazem é um eco da propaganda chauvinista e belicista, garantindo a todo o custo uma política de unidade nacional em defesa dos interesses das suas próprias burguesias, o que só contribuirá para prolongar a carnificina e as suas dramáticas consequências para a classe trabalhadora.

E hoje, como ontem, a esquerda revolucionária com um programa de independência de classe continua a dizer, alto e bom som:

Abaixo a guerra imperialista!
O principal inimigo está em casa!

Pelo internacionalismo proletário,
pela revolução socialista!

SRI LANKA

A explosão revolucionária continua e força a demissão do primeiro-ministro

Coral Latorre
Comissão Executiva da *Izquierda Revolucionaria* • Estado espanhol

O Sri Lanka vive uma revolta popular desde o passado dia 31 de Março. O regime dos Rajapaksa, encorralado pela pior crise económica desde a independência da ilha, em 1948, enfrenta, dia após dia, manifestações massivas, greves gerais e um descontentamento popular que não pára de radicalizar-se.

A força de milhões nas ruas conseguiu que a 9 de Maio — três dias depois de uma greve geral massiva — Mahinda Rajapaksa anunciasse a sua demissão como primeiro-ministro. O mesmo que umas semanas antes se negava a abandonar o cargo após a demissão em bloco do seu governo, viu-se forçado a sair pela pressão vinda de baixo. A raiva contra o regime que Mahinda representa é tal que o ex-primeiro-ministro cingalês se encontra, no momento da escrita deste artigo, refugiado nas imediações da base naval de Trincomalee, protegido pelo exército.

Agora, após uma feroz repressão que causou pelo menos dez mortos e mais de 280 feridos por balas, a classe dominante pretende, através de manobras parlamentares, colocar um ponto final nesta crise política que atirou o seu sistema contra as cordas. No mesmo dia da sua nomeação como novo primeiro-ministro, Ranil Wickremesinghe — membro da oposição que já ocupou o cargo anteriormente... por cinco vezes desde 1993! —, anunciava a sua intenção de que o parlamento discuta a 21ª emenda à Constituição e ponha em marcha um projecto de lei para "abolir o sistema presidencialista e substituí-lo por um sistema que reforce a democracia constitucional".

Mas face a um regime que se mostra cada vez mais nervoso e desesperado, a resposta do povo do Sri Lanka é clara: a luta continua até que caiam todos.

A primeira greve geral em quatro décadas

A 28 de Abril, mais de mil sindicatos, federações e plataformas de trabalhadores convocaram a primeira greve geral desde 1980 para exigir a renúncia do presidente Gotabaya Rajapaksa. "Nunca tinha visto um chamamento subscrito por sindicatos de diversas crenças e uma demonstração de força tão completa desde há 42 anos", dizia um ativista.

A paragem foi total nos transportes, tanto públicos como privados, nos portos e ferrovias, e em sectores chave como a energia, a saúde, a educação e a banca. Nesse dia organizaram-se marchas desde diversos pontos do país até à sede presidencial, na capital Colombo, que se converteu no epicentro dos protestos.

Como reflexo do grande êxito da greve geral, o líder sindical Ravi Kumudesh anunciou uma nova greve para dia 6 de Maio se Gotabaya se negasse a abandonar a presidência.

E assim foi. A Aliança de Sindicatos Ferroviários, o Sindicato dos Professores e Directores de escolas, o Sindicato de Empregados Bancários do Sri Lanka, a Associação de Enfermeiros e o Sindicato de Oficiais de Saúde Pública, os sindicatos de pescadores e do serviço postal, a Associação de Empregados Progressistas da Junta de Eletricidade, a Associação de Maquinistas… e assim por diante até somar duas mil organizações que se puseram em marcha. No dia 6 de Maio, a um nível superior ao de 28 de Abril, a ilha paralisou outras 24 horas e dezenas de milhares de trabalhadores, jovens e camponeses manifestaram-se com determinação.

Perante a notícia de que alguns membros do clã Rajapaksa estavam a tentar escapar do país, uma parte importante dos manifestantes ocuparam o aeroporto. Na prática, e como reconheceram os meios de comunicação locais e nacionais, o Sri Lanka vive uma greve geral indefinida em muitos sectores.

"Abram fogo". A repressão alimenta os protestos

O movimento "Gota Go Home" tem enfrentado uma repressão e violência ditatoriais. À declaração do estado de emergência poucas horas depois da primeira greve geral e ao recolher obrigatório, somam-se o uso de gás lacrimogéneo, canhões de água e a ordem do Ministro da Defesa para o exército, a força aérea e a marinha, de "abrir fogo e disparar contra qualquer pessoa que saqueie bens públicos ou cause danos".

Um dos episódios mais sangrentos passou-se a 9 de Maio. Há mais de um mês que milhares de ativistas tinham ocupado pacificamente o Galle Face Green, no centro da capital. Desesperado, o governo não exitou em enviar grupos fascistas para destruir o acampamento. Cerca de mil elementos de extrema-direita, armados com facas, espadas e pedras e protegidos pela polícia, começaram a agredir as pessoas ali concentradas e a destruir mesas, tendas, etc. Não é a primeira vez que o Estado cingalês utiliza estes grupos para aterrorizar a população. Os *pogroms* contra o povo Tamil, em 1983, organizados pela elite governante de então são um bom exemplo.

Mas o que o governo não esperava foi a resposta imediata após este episódio. Não só milhares de pessoas voltaram à zona do acampamento para o reconstruir e proteger fisicamente dos provocadores, como em apenas algumas horas os trabalhadores da saúde, correios e portos declararam greve até que se prendesse e julgasse os responsáveis.

Isto foi um golpe ainda mais duro para a família no poder e enviou uma mensagem muito poderosa. Independentemente de quantas balas as forças repressivas disparam ou do terror que os capitalistas tentam impôr, quando a classe operária e a juventude se organizam e perdem o medo, tudo é possível.

Uma economia em *default* e a chantagem do FMI

"Os próximos meses serão os mais difíceis das nossas vidas", "haverá cortes de eletricidade de 15 horas diárias", "temos escassez de gás para cozinhar, o fornecimento ainda não chegou". Estas declarações do novo primeiro-ministro ajudam a medir o caos económico que vive o Sri Lanka.

A economia colapsou. As reservas de divisas estrangeiras desmoronaram e o déficit orçamental é de 6,8 mil milhões de dólares (13% do PIB). A moeda desabou e a inflação — de 30% no caso dos produtos alimentares — aumentará até aos 40% nas próximas semanas. O governo anunciou em abril que iria suspender o pagamento da sua dívida externa (51 mil milhões de dólares) com o objectivo de preservar liquidez para bens essenciais.

Mas a realidade é que não encontram liquidez nem para pagar um barco de gasolina — o país ficou sem este combustível chave, e tiveram de pedir à população que deixe de fazer filas nas bombas de gasolina durante alguns dias enquanto resolvem a situação.

A escassez de alimentos, medicamentos e combustível está a sufocar a população. Entretanto, num momento marcado pela guerra na Ucrânia, onde a luta pelos mercados e controlo de áreas estratégicas se recrudesce, as diferentes potências imperialistas esfregam as mãos com o *default* cingalês.

O primeiro-ministro assegurou que a nação necessita com urgência de 75 milhões de dólares em moeda estrangeira para pagar as importações essenciais e está em negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Para agradar ao organismo dirigido por Kristalina Georgieva, Wickremesinghe prometeu privatizar a companhia aérea *Sri Lanka Airlines*. Como parte desta chantagem, o FMI exigiu ao governo que corte conversações com a China para poder chegar a um acordo. Uma "ajuda" muito distinta da que está a receber a Ucrânia, com o FMI a pedir que se dêem "subsídios e não empréstimos" ao regime de Zelensky.

Ao mesmo tempo, a Índia está a ver nesta crise uma oportunidade de ouro para recuperar poder político no país vizinho. A Índia nunca foi um credor importante para o Sri Lanka — diferentemente da China —, mas agora está a emergir lentamente como um dos maiores fornecedores de ajuda.

No entanto, as reuniões entre todos os agentes implicados na reestruturação da dívida alargam-se. Como explica a revista *Foreign Affairs*, "os títulos do Sri Lanka estão principalmente nas mãos de credores privados nos Estados Unidos. A China irá querer assegurar-se de que qualquer alívio na dívida que [o FMI] ofereça ao Sri Lanka não seja utilizado principalmente para pagar a estes detentores de títulos."

E enquanto estes abutres descobrem como sacar mais lucros e fazer ainda mais negócios, quem está a pagar as consequências do seu jogo imperialista são as massas oprimidas do Sri Lanka.

Que caia todo o regime! Pelo poder operário!

A explosão revolucionária que vive a ilha asiática está longe de ser aplacada. Após a demissão de Mahinda Rajapaksa e as demonstrações de debilidade do regime, o movimento sente-se forte, e não é para menos. Mais de 50 dias de mobilizações massivas, duas greves gerais, ocupações de edifícios governamentais e infraestruturas chave do país. E tudo isto com as maiores organizações da esquerda, a JVP e o Partido Comunista do Sri Lanka (maoísta) desaparecidas! O potencial que existe para derrubar o presidente é tremendo, podendo este cair nas próximas semanas.

A efervescência revolucionária que pulsa no Sri Lanka necessita de uma estratégia, de organização e de uma direção consciente. As massas não podem estar permanentemente nas ruas. Para que o movimento triunfe é necessário que a greve indefinida espontânea que existe em muitos sectores e cidades se estenda às centenas de sindicatos que existem em todo o aparelho produtivo, e se impulsionem comités em cada fábrica, escola e localidade para defender uma saída revolucionária para esta crise.

A única forma de acabar com a herança podre do regime de Rajapaksa — seja esta família ou outra igualmente corrupta que se encontre no poder — é rompendo com o sistema capitalista. As condições para criar um governo dos trabalhadores, jovens e camponeses estão dadas. Um governo onde a economia esteja ao serviço dos interesses do povo e onde os maravilhosos recursos de que dispõe a ilha sejam utilizados para satisfazer as prementes necessidades sociais. Um governo onde as minorias étnicas e religiosas possam conviver sem sectarismo nem divisões, assegurando os direitos democráticos e nacionais do povo Tamil.

Só há um caminho para romper com a barbárie do capitalismo: a revolução e o socialismo.

Por um mundo livre de opressão:

QUEREMOS SER O QUE SOMOS!

Livres e Combativas

Para gerir a crise económica e social em todo o mundo, a classe dominante recorre cada vez mais a nacionalismo, militarismo, machismo, racismo e LGBTIfobia, procurando canalizar o descontentamento social e a revolta de várias camadas sociais para a extrema-direita, contra os oprimidos e para longe dos verdadeiros responsáveis pelo nosso sofrimento: os capitalistas e o seu sistema.

Nós, pessoas LGBTI da classe trabalhadora, somos alvos favoritos de assédio, violência e discriminação no acesso ao trabalho, saúde ou habitação. Em 69 países do Mundo continua a ser ilegal ser LGBTI – com penas de vários anos de prisão e até pena de morte — e o casamento e adopção só são possíveis em 28 países. Por fim, em apenas 10 países do Mundo, nos quais *não* se inclui Portugal, estão proibidas as crueis "terapias de conversão".

A violência, chegando ao extremo do homicídio, é uma realidade que tem vindo a aumentar. Na América Latina, há registo de mais de 1.300 assassinatos de pessoas LGBTI entre 2014 e 2019. Só no Brasil, uma de nós é assassinada a cada 3 dias.

O relatório de 2019 da *Agency for Fundamental Rights*, da União Europeia — um inquérito realizado em 30 países e com cerca de 140 mil participantes —, mostra a situação na Europa. Cerca de 60% das pessoas LGBTI recusam-se a dar as mãos em público por medo de insultos ou agresões; cerca de 11% dos inquiridos afirma ter sido alvo de violência física nos últimos 5 anos.

O caso da juventude LGBTI é dramático. Metade foi alvo de discriminação e assédio, a maior parte das vezes prepertrado no local de estudo por colegas e funcionários ou na própria casa por familiares. A distribuição destes resultados varia bastante de país para país, com países como a Polónia e a Hungria — onde governam a extrema-direita — a ter resultados brutais. Na Polónia, em anos recentes, foram criadas pelos municípios mais de 100 "zonas livres de LGBT".

Pessoas trans e intersexo são, em tudo isto, particularmente visadas. Diariamente confrontadas com uma discriminação esmagadora no acesso à habitação, saúde, educação e emprego, são muitas vezes empurradas para a prostituição. Entre as pessoas trans e intersexo inquiridas, 60% reportou ter sentido discriminação no último ano. É por isto que as taxas de suicídio e tentativa de suicídio chegam a uns assombrosos 46%!

Mudar as leis não basta

Na última década, a nossa luta conquistou várias leis em Portugal. O direito ao casamento independentemente da orientação sexual, em 2010, o direito à adopção por casais do mesmo sexo e também o fim da insultuosa proibição da doação de sangue por pessoas homossexuais, em 2016, e a lei de autodeterminação de género, em 2018.

Mas uma coisa são leis, outra é a realidade que vivemos. Voltando ao mesmo estudo, em Portugal, 30% dos inquiridos sofreram algum tipo de assédio no último ano e 65% dos jovens LGBTI indicaram continuarem a ocultar parcial ou totalmente a sua orientação sexual ou identidade de género. Não existindo dados oficiais sobre a condição das trabalhadoras LGBTI, nós sabemos bem o que vivemos: baixos salários, precariedade, assédio laboral e, por cima de tudo isto, abusos verbais, ameaças e discriminação no acesso ao trabalho ou à habitação.

Além de de afetar a nossa saúde mental e física, esta situação mantém-nos economicamente dependentes de famílias agressoras.

As leis são papel pintado a menos que haja uma transformação real das nossas vidas. Até os burocratas LGBTIfóbicos conseguem, por iniciativa individual, colocar entraves, por exemplo, ao reconhecimento legal da identidade de género. Da mesma forma, profissionais de saúde discriminam-nos em hospitais e, nas escolas e universidades, a integração das crianças e jovens trans é ignorada.

A polícia ignora sistematicamente as denúncias de violência machista feitas por mulheres e, claro está, também as denúncias feitas por pessoas LGBTI. Juízes reacionários ilibam agressores e assassinos — o homicídio de Gisberta Salce é paradigmático: a juíza classificou o caso como "uma brincadeira que acabou mal", ilibando os arguidos da acusação de assassinato transfóbico.

A solidariedade de classe e a luta revolucionária são o caminho!

O capitalismo nunca nos ofereceu nada. Para alcançar o pouco que temos foi necessária a luta dura e continuada nas ruas. Por isso, quando é preciso sair à rua contra a opressão e contra o capitalismo, a juventude LGBTI está na linha da frente.

Mas em capitalismo qualquer direito é sempre alvo de ataques: em plena pandemia, pela mão da direita e do Tribunal Constitucional, foi impedida a aplicação prática da lei de autodeterminação de género precisamente nos estabelecimentos de ensino.

É urgente um movimento LGBTI revolucionário e anticapitalista que defenda uma ruptura com este sistema de opressão e exploração, que pretenda mais do que alterações às leis e lute pelo derrube deste sistema.

Queremos o controlo democrático das escolas por estudantes e trabalhadores, para promover uma educação sexual inclusiva e remover todo e qualquer elemento LGBTIfóbico, machista e racista dos locais de estudo; queremos a nacionalização de toda a saúde privada e a sua integração num SNS público, gratuito e de qualidade, com os profissionais necessários e capazes de administrar cuidados de saúde que respeitem a orientação sexual e identidade de género dos utentes.

Queremos a expropriação de todos os fundos imobiliários para criar um parque habitacional 100% público sob controlo democrático da nossa classe, para nunca mais sermos empurradas para a prostituição e para situações de sem-abrigo, ou sermos forçadas a viver com os nossos agressores.

Somos da classe trabalhadora, sofremos na pele a exploração capitalista, e é ombro-a-ombro com a nossa classe que temos a força para derrubar este sistema e todas as suas formas de opressão. No seu lugar, construíremos uma sociedade nova, socialista, onde a economia exista para o bem-comum, onde tenhamos tudo o que precisamos para viver e possamos ser o que somos!